

AS CHARGES ELUCIDANDO COMPORTAMENTOS (1951-1973)

Jonas Leandro Castilho Silva¹, Prof.^a Dra Valéria Zanetti de Almeida²

¹ UNIVAP/ Curso de História/ Faculdade de Educação e Artes, Rua Tertuliano Delphim Jr. 181 – Jd. Aquarius/SJCampos/SP, e-mail: jonas.castilho@uol.com.br

² UNIVAP/Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica/ IP&D, Avenida Shishima Hifume, 2911 – Urbanova/ SJCampos/SP, e-mail: vzanetti@univap.br

Resumo- O presente trabalho propõe um estudo iconográfico de charges a fim perceber mudanças políticas e comportamentais dos brasileiros, em especial paulistas, entre o período de 1951-1973, período marcado por mudanças culturais que traziam o Híppie, o Feminismo, as manifestações dos Negros e os que, na época ficaram conhecidos como o movimento de maio de 1968. Denunciando historicamente a passagem da era moderna para a pós-moderna, as Charges que serão analisadas foram publicadas no jornal *Última Hora*, um jornal de grande alcance no Brasil nas décadas de 50 a 70 e que chegou a ser publicado simultaneamente em sete cidades do Brasil, entre elas São Paulo.

Palavras-chave: Charges, Híppies, Feminismo, Movimento Negro, História

Área do Conhecimento: Ciências Humanas/ História

Introdução

Nos jornais normalmente encontramos uma seção destinada às charges, representação pictórica, de caráter burlesco e caricatural, em que se satiriza um fato específico, em geral de caráter político, de conhecimento público (Rabaça e Barbosa, 1978, 89). De maneira caricatural, os desenhos trazem traços em comum com personalidades conhecidas utilizando-se, comumente, de bom humor e inteligência.

O jornal *Última Hora*, fundado em 12 de junho de 1951 no Estado do Rio de Janeiro, por trazer um rico acervo de imagens caricaturais da época, foi escolhido como fonte primária para conduzirmos nosso entendimento sobre as questões acerca do contexto proposto. O jornal, de grande repercussão, passou a ser publicado também em sete cidades do Brasil. Por conta da sua cobertura quase que nacional, e por ser considerado pelo jornalista Carlos Lacerda, como uma imprensa que servia aos interesses do governo de Getúlio Vargas, selecionamos o referido jornal como forma de entender melhor a função e representação do semanário no cenário político cultural nacional.

Metodologia

O referencial teórico utilizado para melhor entendimento sobre a mudança de paradigma político-comportamental no Brasil, nas décadas de 50 a 70 tem como campo de análise a História Social. Como dimensão, nosso objeto se encaixa no estudo da História Cultural, com a sua abordagem através da história das mentalidades.

As fontes primárias estudadas serão as charges alojadas no Arquivo Público do Estado de São Paulo, retiradas do jornal *Última Hora* que faz

parte do acervo do Arquivo desde 1990, tais como as que se seguem:



Figura 1- Nassara, Silvino Neto, Jornal *Última Hora*. 11/03/1951



Figura 2- Antonio, Mao Tse Tung, Jornal *Última Hora*. 17/04/1969

Também Utilizaremos as informações veiculadas no referido jornal para contextualizar as imagens. O corte cronológico restringe-se ao período que compreende 1951 a 1973. As Fontes secundárias consultadas serão aquelas que nos fornecerem subsídios para discussão do contexto da época enfocada, assim como dos referencias conceituais relativos à utilização da charge como fonte iconográfica, a contribuição das discussões acerca da história e imagem, da mentalidade, da História cultural e da história social.

Discussão

As décadas de 1960 e 1970 foram décadas de grandes transformações, a sociedade ocidental viu emergir nestes anos fenômenos como a comunicação de massa, que em nenhum período da história se disseminou tanto em quase todos os cantos do mundo, aponto de se ouvir o mesmo tipo de musica e se pensar em termos de juventude da mesma forma em quase todas as partes, já surgiam os germes de uma globalização que parecia reduzir os limites geográficos do planeta, que via crescer a indústria cultural e trans nacionais.

Pode-se também dizer que foram décadas de mudanças de mentalidades, percebidas nas relações políticas e culturais. Para alguns estudiosos, essas décadas significam a passagem do período moderno para o pós-moderno. No campo das mentalidades, as mudanças são percebidas nos novos valores e comportamento atrelados à dinâmica cultural que o processo de globalização impulsionou. Para o historiador, existe uma dificuldade em encontrar fontes que possam evidenciar estas mudanças na sociedade, uma vez que dizem respeito a novas posturas que, normalmente, não são evidenciadas em registros escritos. No entanto, o uso de imagem chega a elucidar tais questões, uma vez que, em alguns exemplares, percebemos uma critica a velhos comportamentos e reforço a novas posturas ligadas, ora a uma tendência do momento, ora a um discurso denunciador da mercantilização cultural. Francastel nos adverte sobre o uso da imagem em seu livro, *A Imagem, a visão e a imaginação* ao dizer que a Imagem “ao mostrar uma coisa, fornece informação, tanto abstrata como sensíveis, com uma precisão pelo menos igual, ainda que situada noutro plano, à das informações do discurso” (FRANCASTEL, 1998, 27).

Nesta citação Francastel, quer nos dizer que a imagem traz ao mesmo tempo um discurso direto e subjetivo A charge é uma representação pictórica em que se satiriza um fato específico, de modo geral de caráter político e de conhecimento público. Ela servirá para observarmos os

acontecimentos no Brasil das décadas de 60 a 70, anos em que conforme Zuenir Ventura houve uma forte mudança de comportamentos, “de 1960 a 1969 em cada ano desta década, em cada um dos cinco continentes, em quase todos 145 países de vários sistemas políticos, o mundo conheceu a rebelião do jovem. Ao lado das guerras - mais do que do sexo-, as manchetes dos jornais falaram da odisséia de 519 milhões de inconformados. Mutantes da nova ‘era oral e tribal em dimensões planetária, produzidas pela comunicação de massa’, segundo Marshall McLuhan, os jovens entre 15 e 24anos – um sexto da população da terra – são ao mesmo tempo mito e desmistificadores da sociedade, consumindo e consumidos, contestando e contestados, eles lutaram com todas as armas para destruir o velho e impor o novo.” (VENTURA, 1970, 13).

As mudanças emergiram com movimentos como o dos hippies que faziam uso de uma liberdade jamais vista na sociedade, defendendo o lema drogas sexo e Rock ‘n Roll, como forma sintética de atingir um nível de consciência humana mais perfeita, também movimentos Negros como o Black Power, buscou igualdades de direitos civis e o reconhecimento cultural, entre outras manifestações populares, como o caso do movimento de maio de 1968.

Michael Foucault em seu livro *A arqueologia do saber*, ressalta: “admite-se que deve haver um nível tão profundo quanto é preciso imaginar no qual a obra se revela, em todos os seus fragmentos” (FOUCAULT, 1986, 27). Como já dizia Francastel, este nível se encontra nas artes. “A obra de arte é sempre heterogênea, associando e combinando fragmentos que, ao nível da representação, se inserem em conjuntos de experiências variadas” (Idem). As imagens podem ter vários sentidos, e não é uma tarefa fácil identificar os componentes ocultos que constroem o discurso que a imagem transmite. Por isso, faz-se necessário compreender o momento histórico em que elas foram produzidas para que possamos enxergar estes componentes pouco transparentes.

Estes momentos históricos estão compreendidos entre as duas fases conhecidas como a modernidade e a pós-modernidade, sendo a segunda encarada por alguns especialistas como uma decorrência da primeira. Segundo Anthony Giddens em *As conseqüências da Modernidade*, o conceito de modernidade “refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência” (GIDDENS, 1991, 08).

Dessa forma, as charges trazem elementos que evidenciam este momento histórico, tanto o modernismo, quanto elementos do pós-moderno, “caracterizada por uma evaporação da *grand narrative* — o “enredo” dominante por meio do

qual somos inseridos na história como seres tendo um passado definitivo e um futuro predizível. A perspectiva pós-moderna vê uma pluralidade de reivindicações heterogêneas de conhecimento, na qual a ciência não tem um lugar privilegiado” (GIDDENS, 1991, 08-09).

As linhas e entrelinhas das charges nos mostraram o momento que ela retrata. A história das charges no Brasil mostra que os traços das charges sofrem alterações ao longo dos anos com as mudanças ocorridas na sociedade. As primeiras obras artísticas pictóricas produzidas no Rio de Janeiro procuravam seguir certa padronização sem fugir das regras estéticas. As de hoje já possuem um traço crítico, conforme nos diz Luiz Guilherme Sodré Teixeira “A rigor, os desenhos de humor desses pioneiros não se parecem com as charges tal como as conhecemos hoje: um produto singular fruto de progressivo amadurecimento de forma e conteúdo, cujo traço está ligado criticamente aos problemas da sociedade na qual se insere. De início, ao contrário, as charges se caracterizavam pela reprodução fidedigna de personagens – a caricatura não havia sido ainda, incorporada ao grafismo de sua linguagem –, pelo realismo das situações que abordava – fruto de uma sociedade condicionada por uma visão excessivamente cartesiana da realidade –, e pela prolixidade de textos que menosprezavam a imagem como portadora de estrutura narrativa própria” (TEIXEIRA, 2001, 02).

Teixeira quer dizer que as charges estavam presas ao padrão Cartesiano. Podemos dizer que as charges estavam seguindo o paradigma do seu tempo. No entanto, ao lançarmos os olhares para as charges dos meados do sec. XX, o traço característico que observamos é de um enorme teor político associado com a crítica sagaz da sociedade em questão, com as linhas das obras sem necessariamente se preocupar com a reprodução fidedigna de seu objeto em questão.

Considerações finais

As análises iconográficas das charges do período 1951 a 1973 oferecem ricas possibilidades de estudo acerca das mudanças de mentalidade, pelo fato da imagem trazer consigo, impressões tanto objetiva quanto subjetivas da realidade.

Referências

Fontes primárias

- Jornal Última Hora, exemplares de 1951-1973 arquivo iconográfico, Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Fontes Secundárias

- FRANCASTEL, Pierre. **A Imagem, a visão e a imaginação**. São Paulo: Edições 70, 1998.

- FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz F. Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

- FOUCAULT, M., **Microfísica do poder**. Organização, introdução e tradução de Roberto Machado. 6ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

- HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.

- MARQUES, Adhermar Martin org. **História do tempo presente**. São Paulo: Contexto, 2003.

- TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **O traço como texto: A história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930***. Rio de Janeiro: FCRB, 2001.

- VENTURA. Zuenir org. **Os anos 60 a década que mudou tudo**. São Paulo: Ed. Abril, 1970.

_____. **1968 O ano que não terminou**. São Paulo: Ed. Planeta, 2008.

- RABAÇA, C. A. & BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.